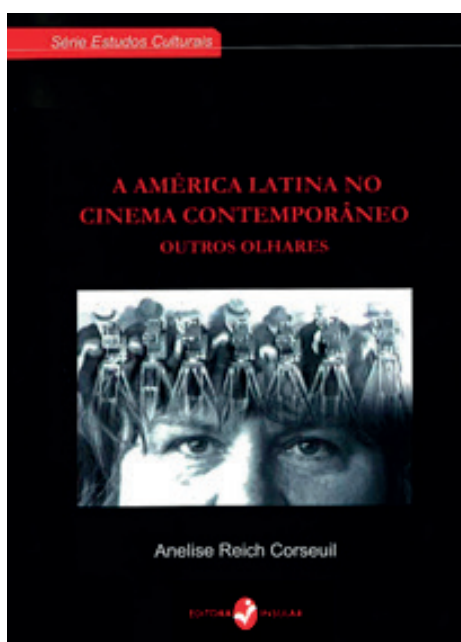


“Eu é um outro”: as latinidades da América
Latina através das outras Américas

Fabián Nuñez¹



RESENHA

CORSEUIL, Anelise Reich. *A América Latina no cinema contemporâneo: outros olhares*. Florianópolis: Insular, 2012.

¹ Professor doutor adjunto do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Comunicação; mestre em Comunicação, Imagem e Informação e bacharel em Comunicação Social (habilitação em cinema), toda formação realizada na UFF. E-mail: fabian_nunez@id.uff.br



Vista como uma terra cheia de aspectos mágicos e maravilhosos ou como um lugar de uma insuportável violência e de uma profunda desigualdade social, a América Latina recebeu no último século um determinado modo de vê-la. Assim, no cinema, na segunda metade do século XX, as imagens recorrentes ao nosso subcontinente passaram, grosso modo, da sensual *cabaretera*, do nativo indolente e do ditador megalômano para o aguerrido guerrilheiro, o cruel narcotraficante e o indesejável imigrante ilegal. Como sabemos, apenas uma mera troca de estereótipos, que oculta uma profunda ignorância sobre os nossos países.

Por outro lado, devemos evitar dicotomias simplistas, uma vez que também possuímos a nossa carga de clichês em relação aos outros povos, americanos ou não. Também é preciso levar em conta os ensinamentos dos recentes estudos nas áreas humanas ao sublinharem a relevância do olhar do outro na autoconstrução da identidade, seja nacional, étnica, religiosa, social, individual ou de gênero, e os seus procedimentos na circulação e negociação desses fatores simbólicos, mesmo que esses processos se deem em relações fortemente assimétricas.

Desse modo, a busca de uma identidade, talvez a verdadeira obsessão da *intelligentzia* americana, traz à tona a paradoxal singularidade de um continente pensado como uma construção de sucessivas ondas migratórias e a autoconsciência de “sermos e não sermos europeus”. Como frisa o ensaísta mexicano Octavio Paz, ao abordar o pensamento de seu conterrâneo Leopoldo Zea, a alienação americana (“o não sermos nós mesmos e o sermos pensados por outros”) constitui “a nossa própria maneira de ser”. Assim, conforme afirma Paz, temos a consciência de “termos vivido na periferia da História”. Esse discernimento talvez nos torne aptos, mas não necessariamente imunes a angústias, a nos lançar no vórtice da modernidade, sobretudo atualmente quando as noções de centro e periferia não adquirem mais um sentido estrito de recorte geográfico.

No livro *A América Latina no cinema contemporâneo: outros olhares*, a pesquisadora Anelise Reich Corseuil estuda algumas produções audiovisuais latino-americanas, estrangeiras e transnacionais das duas últimas décadas



do século passado e dos primeiros anos do novo milênio sob a reflexão da identidade latino-americana e de sua imagem mediada pelo outro. Essa análise é realizada num viés interdisciplinar, por intermédio de um diálogo crítico com os “estudos culturais”, em particular de autores anglo-saxões. Em suma, não se trata de uma simples absorção de conceitos de modismos acadêmicos, mas de uma contundente abordagem de filmes, graças a uma sólida bagagem conceitual, em discussão com seus autores.

A obra é composta por onze ensaios, distribuídos em três partes: “*Cinema histórico ficcional e documentário da década de 80: cinema de denúncia*”, “*Cinema transnacional a partir da década de 90*” e “*Cinema reflexivo: paródia e alegoria*”. Na primeira parte, a autora aborda a imagem da América Latina do final da Guerra Fria em filmes estrangeiros. Desse modo, realiza no primeiro ensaio uma leitura do longa-metragem *A missão* (1986), de Roland Joffé, a partir do debate em torno do filme histórico e da escrita histórica como procedimentos narrativos intimamente preocupados em refletir mais o presente do que o passado, abrindo, pela primeira vez no livro, um diálogo com Fredric Jameson, ao contestar a sua argumentação sobre o “apagamento do passado histórico” no cinema contemporâneo.

Nesse sentido, o filme em questão, um épico hollywoodiano, espelha, diferentemente do que afirma Jameson, como produções culturais pós-modernas do Primeiro Mundo também podem traçar alegorias que envolvem o passado, o presente e o futuro de nações e suas interrelações sociopolíticas, econômicas e culturais. Corseuil aponta, inclusive ao chamar a atenção para um anacronismo de base (os fatos históricos que inspiraram a obra são do século XVII, mas a narrativa foi transposta para o século seguinte, para a Guerra Guaranítica), para uma imagem da América Latina do final do século XX, através de uma crítica ao capitalismo pela Teologia da Libertação.

Assim, os abnegados jesuítas do filme se aproximam dos sacerdotes latino-americanos da Teologia da Libertação, ao lado das camadas populares da América Latina na luta por suas reivindicações e, por isso mesmo, são violentamente reprimidos pelas elites locais em aliança com poderosos estrangeiros, além da repreensão e do cerceamento por parte das próprias autoridades eclesiásticas.



A temática sobre as representações audiovisuais de eventos históricos é prolongada na análise do longa-metragem *Salvador, o martírio de um povo* (1986), de Oliver Stone. O filme é uma adaptação de uma história verídica sobre a atuação de um fotojornalista estadunidense, ex-combatente do Vietnã, na guerra civil salvadorenha no início dos anos 1980, e nele Stone assinala as contradições do discurso em defesa dos valores “democráticos” do governo estadunidense e a sua prática imperialista. Podemos, assim, ver este filme como um ensaio de Stone para a sua trilogia do Vietnã, o que realizará posteriormente. O personagem principal se vê confrontado com a realidade que encontra no país centro-americano e a sua distorção por parte de seus superiores no jornal, que seguem uma linha editorial que reforça um discurso já pronto sobre o conflito a partir de uma ótica neoliberal e conservadora, típica da era Reagan. É instigante aproximarmos esse aspecto do filme à cobertura jornalística da grande mídia sobre as manifestações que atualmente ocorrem em nosso país.

Paralelamente, desenrola-se uma história romântica com uma salvadorenha. Diante dessa simbiose de fatos históricos e romance ficcional, Corseuil aprofunda sobre a relevância da narrativização da História, apoiando-se na obra de Hayden White. Em seguida reflete, a partir de Robert Burgoyne, sobre o papel do filme histórico no processo de autoconhecimento nacional, em especial ao construir outras narrativas sob o ponto de vista das minorias. O trabalho de Burgoyne será utilizado como referência em outros capítulos do livro. No último ensaio da primeira parte, Corseuil se volta, desta vez, para um filme não ficcional ao estudar o documentário anglo-canadense *The world is watching: inside the news* (1988), de Jim Munro e Peter Raymond, sobre a cobertura jornalística da guerra civil nicaraguense.

Coadunada com as recentes teorias sobre o documentário, a autora aponta para a extrema sensibilidade dos realizadores ao apresentarem uma visão multifacetada da Nicarágua sandinista, quando narram as condições de vida dos nicaraguenses impostas pelo processo revolucionário e a repressão sofrida pelos jornalistas internacionais por parte das autoridades locais, assim como a inadequação do discurso jornalístico das grandes redes de TV e a realidade da Nicarágua, para além da mera denúncia de manipulação da informação.



Voltamos a frisar a contundente atualidade dessas questões e, por isso mesmo, a validade das reflexões de Corseuil sobre o tema. No entanto, ressaltamos que o estudo sobre o gênero histórico será retomado no livro, quando Corseuil aborda novamente a alegoria nas produções culturais contemporâneas, na terceira parte da obra e, então, dialoga com a paródia.

Na segunda parte do livro, a autora se volta para uma produção ficcional e não ficcional mais recente de caráter transnacional. Assim, a partir de um interessante recorte fílmico, mas que não se restringe a ele (a autora constantemente o relaciona com outras obras audiovisuais contemporâneas), tece várias reflexões sobre a construção da identidade latino-americana ao encará-la como um processo dinâmico e intrinsecamente vinculado pelo olhar estrangeiro.

Desse modo, nos encontramos com várias chaves pelas quais tradicionalmente se abrem as interpretações sobre o “que é o latino-americano”. Assim, é abordada a violência, seja por um viés político, pela figura do guerrilheiro (o mítico *Che* Guevara, as guerras civis na América Central e a atual guerrilha zapatista no México) ou pelo viés criminal, na abordagem das favelas e do cotidiano de seus moradores, assim como pelos problemas de ordem social, tanto em relação ao âmbito urbano, como às comunidades marginalizadas dos centros urbanos, ou a situação dos imigrantes nos Estados Unidos, quanto em relação ao âmbito rural, no caso do sertão nordestino brasileiro ou do interior de Chiapas.

Nesse mesmo sentido encontramos também o tema do papel da memória na construção de uma identidade nacional, local ou étnica como uma autorreflexão em relação com a “outridade”, seja por um exilado que busca reconhecer um país que foi traumáticamente forçado a abandonar ou pelas trocas interculturais e assimétricas de comunidades de fronteira.

No entanto, o debate sobre o olhar estrangeiro não se restringe a criticar os clichês, uma vez que Courseuil dialoga com Tunico Amancio, que vincula a origem de muitos estereótipos aos processos culturais ocorridos em nossos próprios países, sobretudo durante a construção de nossas identidades nacionais. Destacamos também a abordagem dos filmes de John Sayles, em



particular, o ensaio reservado ao seu longa-metragem *A estrela solitária* (1996), cuja narrativa se passa em um fictícia cidade texana na fronteira com o México.

Ao partir de conceitos de Robert Stam, Ella Shohat, Hayden White e Robert Burgoyne, a autora reflete as questões étnicas presentes no filme, traçando, desse modo, um panorama teórico sobre o multiculturalismo e a sua relação com a ciência histórica. Desse modo, realiza reflexões sobre as articulações e as tensões entre as distintas comunidades representadas no filme (*chicana*, negra, branca e índia), sobretudo na salvaguarda ou no questionamento de uma memória local consolidada, com base em uma homogeneização, visando ao apagamento das diferenças.

Embora se trate de um estudo caso, ou seja, a análise de um filme específico, tais indagações podem nos auxiliar em pesquisas sobre fronteira, que não mais encerram sentidos físicos, como muito bem frisa Corseuil, em sintonia com o pensamento contemporâneo. Inclusive as indagações da autora podem nos servir para uma reflexão sobre o tema da fronteira entre nós mesmos, entre os países latino-americanos, apontando, por conseguinte, para o outro que habita em nós.

Trata-se, infelizmente, de uma abordagem inusual na academia brasileira, em geral mais voltada para as relações centro e periferia, ignorando essa mesma dinâmica hierarquizante também existente num nível subcontinental. É possível ampliarmos esse escopo no auxílio aos debates sobre Estados plurinacionais na própria América Latina, dos quais a Bolívia é o caso mais célebre. Portanto, cremos que as indagações de Corseuil são uma porta aberta para promissores caminhos.

A última parte traz um fundamental estudo sobre a paródia e a alegoria, no qual mais uma vez a autora admoesta Fredric Jameson. O capítulo de abertura desse trecho é exemplar ao explicitar o papel dos “estudos culturais” no debate sobre a transculturalidade na pós-modernidade e a sua expressão em formas narrativas como a paródia e a alegoria, constituindo-se em um dos melhores ensaios da coletânea. Sublinhamos também, nessa última parte, a sempre fascinante discussão sobre os estereótipos, mais uma vez sem cair em singelas posições denunciatórias.



Em suma, o livro de Anelise Reich Corseuil é uma rica contribuição aos estudos sobre a América Latina e o cinema contemporâneo. Conceitualmente sólida, a autora analisa filmes ficcionais e documentários os mais variados, de ampla ou estrita circulação no Brasil, realizando debates pelos quais podemos refletir sobre esse obscuro objeto que é a América Latina e as suas várias representações.